

TRABALHO DE CAMPO E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL: IMPORTÂNCIA E BENEFÍCIOS DA ARBORIZAÇÃO URBANA

Maria José dos Santos Cerqueira¹

Vitoria Santos Gomes²

Renan Luiz Albuquerque Vieira³

RESUMO

O trabalho de campo, além de possibilitar o reencontro entre a escola e os diferentes modos de vida, funciona como um instrumento de reflexão e contextualização dos conteúdos abordados em sala de aula. Essa prática não apenas sensibiliza os alunos para a importância da paisagem seja rural ou urbana como também estimula questionamentos de cunho científico desde os primeiros anos da educação básica. Diante disso, este trabalho teve como objetivo avaliar a relevância metodológica do trabalho de campo na educação básica, com foco específico nos alunos do Ensino Médio. A proposta buscou integrar as discussões científicas construídas em sala de aula sobre o processo de urbanização e o planejamento urbano. A pesquisa de campo contou com a participação de estudantes do Ensino Médio, de uma escola sediada no Recôncavo da Bahia. Foi possível observar que, em todas as áreas analisadas, a presença de árvores influenciou significativamente o microclima local, promovendo a regulação da temperatura e da umidade relativa do ar, o que tornou o ambiente mais agradável. A relevância da prática de campo, aliada aos conhecimentos geográficos e biológicos, mostrou-se eficaz na promoção da educação ambiental. Essa abordagem contribuiu para o desenvolvimento de saberes relacionados ao planejamento urbano e à conservação ambiental nas cidades, sensibilizando os alunos quanto à importância da arborização para o conforto térmico e a qualidade de vida.

Palavras-chave: Educação ambiental, Urbanização, Sensibilização, Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

A urbanização é um dos grandes desafios ambientais do nosso tempo. As cidades crescem rapidamente, ocupam espaços antes verdes e, com isso, alteram o equilíbrio dos ecossistemas e afetam diretamente a vida das pessoas. No meio desse cenário, a arborização urbana ganha um significado muito maior do que o simples embelezamento. As árvores, quando presentes nas cidades, tornam o ambiente mais ameno, ajudam a regular a temperatura, aumentam a umidade do ar e diminuem os efeitos das chamadas ilhas de calor.

¹ Graduada no curso de Licenciatura em Biologia da-UFRB, mariasantos31168@gmail.com

² Graduada no curso de Licenciatura em Biologia da-UFRB, vsantosgomes980@gmail.com

³ Doutor em Ciência Animal nos Trópicos - UFBA, renan.albuquerque@hotmail.com



Estar entre árvores muda o modo como as pessoas se sentem. As áreas verdes oferecem abrigo, sombra, lazer e também descanso para a mente. Estudos mostram que a presença da vegetação contribui para o bem-estar físico e emocional, ajudando a reduzir o estresse e fortalecendo os laços sociais entre os moradores (Carvalho *et al.*, 2023). A arborização, portanto, não é apenas um benefício ecológico: é também um instrumento social, que aproxima as pessoas da natureza e ajuda a reconstruir uma relação de pertencimento ao lugar onde vivem.

As árvores nas cidades também têm importância para a fauna. Elas fornecem alimento e abrigo, criam espaços para o voo e o pouso de aves e insetos, e participam do equilíbrio das cadeias ecológicas. Uma cidade arborizada é, de certa forma, um espaço mais vivo. É um ambiente que acolhe a diversidade e permite que a natureza continue existindo mesmo em meio ao concreto e ao asfalto. Por isso, pensar a arborização é pensar também em conservação ambiental.

A escola pode e deve participar desse processo. Falar de arborização urbana é também falar de educação, pois é na escola que muitos alunos têm o primeiro contato mais consciente com as questões ambientais. A educação ambiental tem o poder de despertar o olhar crítico e o sentimento de responsabilidade em relação ao mundo natural. Quando bem conduzida, ajuda o estudante a perceber que a sustentabilidade depende de atitudes cotidianas e coletivas.

O trabalho de campo aparece, nesse contexto, como uma das estratégias metodológicas mais ricas ao ensino e à formação ambiental. Estar fora da sala de aula, observar, sentir o ambiente e perceber as relações entre o natural e o construído faz com que o aprendizado ganhe sentido. Como afirma Loureiro (2003), é nesse contato direto que o conhecimento se transforma em experiência e que a sensibilização realmente acontece.

A arborização urbana, quando trabalhada como tema de educação ambiental, oferece inúmeras possibilidades pedagógicas. Permite dialogar com diferentes disciplinas, conectar teoria e prática e aproximar os alunos das realidades ambientais de seus próprios bairros. É também uma forma de mostrar que o cuidado com o ambiente não é uma ideia distante, mas uma ação concreta, que começa no entorno da escola e se estende para toda a cidade.

Pensando nisso, este trabalho buscou refletir sobre o papel do trabalho de campo na sensibilização ambiental de estudantes do ensino médio, com foco na importância da





arborização urbana. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e parte da convicção de que a educação ambiental é

um caminho possível para formar cidadãos críticos, participativos e conscientes da necessidade de preservar e valorizar os espaços verdes nas cidades.

METODOLOGIA

A pesquisa tem natureza qualitativa, pois buscou compreender as percepções e experiências dos estudantes a partir de suas próprias falas e vivências. Segundo Minayo (2002), esse tipo de abordagem é adequado quando se pretende interpretar significados e construir compreensões sobre um fenômeno social, o que se aplica ao tema da sensibilização ambiental por meio da arborização urbana.

O estudo foi desenvolvido com alunos do 1º ano do Ensino Médio, turma de Administração, em uma escola pública localizada no Recôncavo da Bahia. A atividade foi realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Biologia/UFRB) e teve como foco compreender o conhecimento prévio dos estudantes sobre arborização urbana e seus benefícios ambientais e sociais.

O instrumento utilizado foi um questionário impresso composto por cinco questões abertas, elaboradas para permitir que os alunos expressassem livremente suas ideias. As perguntas abordavam temas como os efeitos da falta de arborização na saúde e no bem-estar, o papel da comunidade escolar em projetos ambientais, a influência da arborização no microclima e a adequação da vegetação na área da escola.

Considerando que muitas das respostas a esse questionário se mostraram vagas e incoerentes, tornou-se necessário idealizar atividade interventiva, que consistiu em uma aula de campo com o tema “Importância e benefícios da arborização urbana”. A atividade foi mediada por um estudante de graduação do curso de Engenharia Florestal da UFRB, convidado para dialogar com os alunos sobre o tema. Durante a aula, foram abordados os principais benefícios da arborização para o meio urbano e, ao final, realizou-se o plantio de mudas na área interna da escola, estimulando o envolvimento e o senso de responsabilidade ambiental dos participantes.

A escolha pela aula de campo como metodologia se fundamenta em autores como Loureiro (2003), que defendem que o contato direto com o ambiente é essencial para o aprendizado significativo e para o despertar da consciência ecológica. O trabalho de campo





permite que o aluno se reconheça como parte da natureza e perceba, de forma concreta, os impactos das ações humanas sobre o meio ambiente.

Assim, o percurso metodológico uniu o diagnóstico inicial por meio das respostas ao questionário com uma ação prática de sensibilização. Essa combinação possibilitou não apenas observar o conhecimento prévio dos estudantes, mas também ampliou a experiência formativa, capaz de transformar a forma como eles percebem o espaço escolar e o papel da arborização na melhoria da qualidade de vida nas cidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

A urbanização acelerada das últimas décadas impõe desafios significativos aos ambientes urbanos, exigindo dos moradores e gestores públicos o protagonismo na construção de cidades mais sustentáveis e habitáveis. A arborização urbana, entendida como o processo de introdução e manutenção de árvores e vegetação em áreas urbanas, transcende sua função ornamental e consolida-se como um dos principais instrumentos de planejamento ambiental das cidades contemporâneas. De acordo com Ibiapino e Nääs (2020), a arborização é fundamental para a regulação do microclima, pois contribui para a redução da temperatura, o aumento da umidade relativa do ar e a mitigação das ilhas de calor, favorecendo o conforto térmico e a saúde dos habitantes.

A presença das árvores em ambientes urbanos promove a absorção de gases poluentes, melhora a qualidade do ar e contribui para a estabilidade dos solos, evitando erosões e enchentes ao facilitar a infiltração das águas pluviais. Além disso, a arborização atua como barreira natural contra o ruído e a poluição visual, criando ambientes urbanos mais agradáveis e saudáveis para todas as formas de vida. Esses benefícios, entretanto, demandam planejamento cuidadoso quanto à escolha das espécies e sua adequação ao espaço, para evitar impactos negativos sobre as infraestruturas urbanas (Cunha *et al.*, 2020).

O impacto social da arborização é igualmente relevante. De acordo com Silva, Lima *et al.*, (2023), a presença de áreas verdes urbanas está associada a benefícios para o bem-estar emocional, à redução do estresse e à promoção da saúde mental dos moradores. Nesse sentido, a arborização configura-se como um espaço de encontro, lazer e socialização, reforçando laços comunitários e resgatando a conexão humana com a natureza. Essa dimensão afetiva da arborização participa da construção da identidade urbana, atribuindo significado não somente ao espaço físico, mas também às memórias e histórias de seus habitantes.





Dentro do contexto educacional, a escola representa um espaço crucial para fomentar a consciência ambiental necessária para a preservação e valorização da arborização. Almeida e Suassuna (2012) afirmam que a educação ambiental deve ir além da simples transmissão de conteúdos técnicos, promovendo uma reflexão crítica que estimule o engajamento social e a construção de valores voltados à sustentabilidade. O trabalho de campo, nesse sentido, emerge como uma metodologia eficaz, pois o contato direto com a natureza e as experiências vivenciais possibilitam uma compreensão mais profunda e empática por parte dos estudantes. Loureiro (2003) destaca que as práticas de educação ambiental devem valorizar a vivência e a interação com o meio natural, promovendo a reflexão crítica e o desenvolvimento de uma consciência ecológica. Atividades como o plantio de mudas e a observação dos efeitos da vegetação no microclima urbano transformam o saber em ação, consolidando a aprendizagem e sensibilizando para a necessidade de sustentabilidade.

A importância da integração do conhecimento científico, social e ambiental nas práticas educacionais está expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), os quais orientam a educação ambiental como um eixo transversal, fundamental para a formação de cidadãos críticos, autônomos e atuantes. Segundo Buce *et al.*, (2023), essa formação permite que os alunos compreendam a realidade complexa das cidades, reconhecendo a arborização como ferramenta essencial para o enfrentamento dos desafios ambientais contemporâneos, como a crise climática e a degradação dos ecossistemas urbanos.

Diversos estudos reforçam que a arborização urbana, quando planejada de forma integrada e participativa, contribui para a sustentabilidade das cidades, promovendo benefícios ambientais, econômicos e sociais simultaneamente. Como mostram Santos *et al.*, (2021), o envolvimento de estudantes em ações práticas de arborização urbana, como o evento “Arboriza Ponta Grossa”, promove não apenas conhecimento, mas também responsabilidade social e engajamento comunitário.

Por fim, é imprescindível reconhecer que a arborização urbana é mais do que um recurso técnico ou estético: ela é um direito e uma necessidade para a qualidade de vida das populações urbanas. Assim, o compromisso com o verde urbano deve ser assumido enquanto projeto coletivo que envolve políticas públicas, educação, ciência e participação social. A articulação dessas dimensões, conforme defendem diversos autores, é o caminho para a



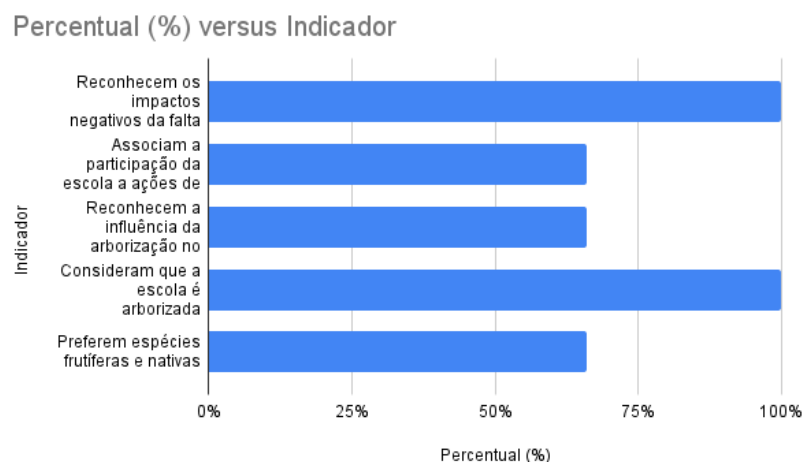
construção de cidades mais humanas, saudáveis e justas, em que o contato com a natureza seja acessível a todos e se torne uma fonte constante de equilíbrio e bem-estar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral, os dados sistematizados permitem identificar tendências importantes (Gráfico 1).

Constatou-se que 100% dos participantes reconhecem os impactos negativos da falta de arborização; em certa medida, isso sugere que a percepção sobre a arborização é essencial ao equilíbrio ambiental. Conforme Nascimento *et al.*, (2023), a arborização urbana promove benefícios como a diminuição da poluição, a purificação do ar e a regulação térmica, sendo indispensável para a qualidade de vida e o bem-estar coletivo nas cidades.

Gráfico 1 – Percepção dos estudantes sobre arborização urbana (em %)



Fonte: Dados da pesquisa, 2025. Elaboração própria a partir das respostas do questionário aplicado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio.

De outra forma, 66% associam a participação da escola a ações de conscientização e eventos. Certamente que a escola é espaço de mobilização e participação ambiental, reconhecendo sua influência no microclima e destacando a importância de espécies nativas e frutíferas. A educação ambiental deve ser vivida de forma participativa, aproximando os estudantes da realidade local e promovendo a consciência ecológica a partir da prática (LOUREIRO, 2003).





O mesmo percentual reconhece que a arborização influencia diretamente o microclima. Essa percepção, ainda que intuitiva, revela a compreensão de que as árvores tornam o ambiente mais fresco e agradável. Carvalho (2006) aponta que a educação ambiental

deve atuar como elo entre o conhecimento cotidiano e o científico, permitindo que o aluno relacione suas vivências ao funcionamento dos ecossistemas e à dinâmica urbana.

Todos os alunos consideram que a escola é um espaço arborizado, embora uma parte tenha apontado para a necessidade de ampliar a quantidade de árvores. Tal percepção reforça o que Lopes e Castro (2020) afirmam sobre o papel das áreas verdes na promoção do bem-estar psicológico e na criação de ambientes mais acolhedores e educativos.

Finalmente, 66% priorizam espécies frutíferas e nativas quando pensam em novas plantações. Então, é razoável afirmar que demonstram interesse em unir o cuidado ambiental ao aproveitamento dos frutos e à valorização de espécies brasileiras, o que expressa um vínculo afetivo com o ambiente.

Os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs. A educação ambiental deve ser uma prática social e política que incentive o diálogo e a participação, despertando valores de cuidado, pertencimento e sustentabilidade, capazes de transformar as relações entre o ser humano e a natureza. Mesmo ações em pequena escala, como o trabalho pedagógico em arborização urbana, contribuem para essa transformação. (REIGOTA, 1994, p. 17, 40-42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu compreender que a educação ambiental, quando vivenciada de forma prática e contextualizada, torna-se uma poderosa ferramenta de sensibilização e transformação social. A experiência com os alunos do 1º ano do Ensino Médio revelou que o conhecimento sobre a arborização urbana ainda é limitado, mas que pequenas ações pedagógicas, como o trabalho de campo e o plantio de mudas, podem despertar o interesse, a curiosidade e o sentimento de pertencimento ao ambiente.

Os resultados obtidos mostraram que, apesar da pouca adesão inicial, os estudantes conseguiram reconhecer a importância das árvores para o equilíbrio ambiental e para a qualidade de vida nas cidades. A atividade prática aproximou o conteúdo da realidade,





permitindo que o aprendizado ocorresse não apenas pela fala do professor, mas pela vivência direta com o espaço escolar. Como aponta Loureiro (2003), o contato com o ambiente e a

experiência concreta de cuidado e observação são capazes de formar sujeitos mais críticos, sensíveis e conscientes.

A educação ambiental, nesse contexto, não deve se restringir ao discurso teórico ou a datas comemorativas. Ela precisa estar presente nas práticas cotidianas da escola, nas decisões pedagógicas e na forma como os alunos interagem com o espaço em que vivem. Reigota (1994) ressalta que a educação ambiental deve ser compreendida como um processo político e social que envolve reflexão, diálogo e ação. Assim, o ambiente escolar torna-se um território de formação cidadã, onde o aprender se relaciona diretamente com o agir.

A experiência relatada também evidenciou o valor da interdisciplinaridade e do trabalho coletivo. A parceria entre professores, bolsistas e o palestrante fortaleceu a proposta e demonstrou que o conhecimento é mais significativo quando construído de forma colaborativa. O envolvimento dos alunos no plantio de mudas foi mais do que uma simples atividade prática; representou um gesto simbólico de cuidado com o planeta e de reconhecimento de que cada um pode contribuir, mesmo que em pequena escala, para um ambiente mais equilibrado e saudável.

Mesmo com as limitações do estudo, como o número reduzido de participantes e o tempo curto de observação, os resultados alcançados foram significativos para repensar o papel da escola na promoção de uma consciência ambiental crítica. A arborização urbana, vista muitas vezes como um tema técnico ou distante da realidade dos estudantes, mostrou-se um campo fértil para o desenvolvimento de valores humanos, éticos e coletivos.

Conclui-se que é urgente fortalecer ações educativas voltadas à sustentabilidade, especialmente em contextos escolares, onde o conhecimento pode ser transformado em prática e o aprendizado pode gerar atitudes concretas. A escola precisa continuar sendo um espaço de diálogo, escuta e experimentação, onde a educação ambiental se manifeste de forma viva e participativa. Somente assim será possível formar cidadãos capazes de compreender o mundo em sua complexidade e agir de modo responsável frente aos desafios ambientais contemporâneos.





REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SUASSUNA, Dulce Maria Figueira de Almeida. **A formação da consciência ambiental e a escola**. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, [S. l.], v. 15, 2012. DOI: 10.14295/remea.v15i0.2929. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2929>. Acesso em: 18 out. 2025.

AMBIENTE & EDUCAÇÃO: *Revista de Educação Ambiental*. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc>. Acesso em: 1 out. 2025.

ARORIZAÇÃO URBANA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: estudo de caso com o evento “Arboriza Ponta Grossa”. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 10, n. 10, p. e79101018332, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.18332. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/18332>. Acesso em: 18 out. 2025.

BUCE, Cláudia Adélia; COSSA, Eugenia Flora Rosa; KATAOKA, Adriana Massaê; GILONI-LIMA, Patricia Carla. **Arborização urbana como estratégia de educação ambiental no contexto de emergência climática no município da cidade de Maputo**. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, [S. l.], v. 40, n. 3, p. 97–116, 2023. DOI: 10.14295/remea.v40i3.15716. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/15716>. Acesso em: 18 out. 2025.

CASTRO, N. S. et al. **Associação entre uso de áreas verdes e saúde mental: dos parques urbanos para as cidades sustentáveis**. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 11, n. 3, p. 2179–2787, 2023.

CECÍLIA, M.; DESL, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. [S. l.]: Editora Vozes, 2011.

CUNHA, V. L. C. de M. et al. **Conflitos da arborização com elementos urbanos na cidade de Valença, estado do Rio de Janeiro**. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, v. 15, n. 2, p. 28, 15 maio 2020.

FREDERICO, C.; LOUREIRO, B.; ORGANIZAÇÃO, D. **Cidadania e meio ambiente**. Salvador, 2003. Disponível em: https://guilhardes.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/08/cidadania_e_meio_ambiente.pdf.

IBIAPINO, T. R.; NÄÄS, I. de A. **O efeito de resfriamento causado pela arborização como uma solução para o aquecimento urbano: um estudo de caso em Teresina, estado do Piauí, Brasil**. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 11, p. e2969119870, 14 nov. 2020.





LOPES, M.; CASTRO, N. **A importância da arborização para a saúde mental e bem-estar social nas cidades.** *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, 2020.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e gestão participativa na explicitação e resolução de conflitos.** *Gestão em Ação*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 1–15, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://arquivo.ambiente.sp.gov.br/cea/2011/12/FredericoLoureiro.pdf>. Acesso em: 18 out. 2025.

MÉDIO, E. et al. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/cienciah.pdf>. Acesso em: 18 out. 2025.

NASCIMENTO, B. B.; ALVES, D.; ROCHA, A. P. **A percepção ambiental dos munícipes sobre a arborização urbana na cidade do Recife - Pernambuco.** *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, v. 11, n. 1, 2017.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro091.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.

REIGOTA, M. **Educação ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Cortez, 2001.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, L. et al. **Urban green spaces in Brazil: challenges and opportunities in the context of the COVID-19 pandemic.** *Studia Ecologiae et Bioethicae*, 1 fev. 2023.

